



«Uma história encantadora e sexy
sobre o amor de um príncipe
africano por uma estudante
de Epidemiologia.»

KIRKUS REVIEWS

∞
Para fãs
da série da
NETFLIX
BRIDGERTON
∞

PRINCESA EM TEORIA

ALYSSA COLE

Autora bestseller do *New York Times* e do *USA Today*

TOP
SEL
LER

Para todas as mulheres a quem foi dito que não podiam ser princesas: na verdade, sempre o foram.

Capítulo 1

Remetente: LikotsiAdelele@KingdomOfThesolo.the

Assunto: Saudações da Família Real de Thesolo

Cara menina Smith,

Espero que a minha carta a encontre bem. Eu, Likotsi Adelele, assessora de Sua Majestade, procurei-a por todo o lado nos últimos quatro meses, por insistência do mui digníssimo — e mui curioso — Príncipe Thabiso. Sua Alteza encarregou-me de encontrar a sua noiva, e creio que o consegui: é a menina. Como o nosso príncipe é magnânimo, bondoso e compreensivo, está disposto a limpar as feridas abertas do passado e a permitir que cicatrizem. A fim de ajudar neste processo, solicito que nos envie as seguintes verificações de identidade: uma digitalização da sua carta de condução, passaporte ou outra forma de identificação; registos médicos atualizados...

Remetente: LikotsiAdelele@KingdomOfThesolo.the

Assunto: RE: RE: RE: RE: Saudações da Família Real de Thesolo

Olá, novamente, cara menina Smith,

Dizem que a persistência é uma virtude, e eu considero-me muito virtuosa, uma vez que já escrevi várias vezes, sem

obter qualquer resposta, e ainda assim persisto. O príncipe deseja conhecer a mulher escolhida pela deusa Ingoka para ser sua noiva, e eu fui encarregada de fazer com que tal desejo se concretize. Ocorre-me que talvez receie as repercussões das ações obstinadas e irrefletidas dos seus pais, mas nada tem a temer. Tudo ficará bem... se a menina for, de facto, a escolhida para ser a futura Rainha de Thesolo. Tenho a certeza de que é a mulher que ele procura. Mas preciso MESMO de ter uma prova da sua identidade antes de prosseguirmos. Não quero expor o príncipe à insídia. Nesse sentido, solicito-lhe encarecidamente que: a) responda e b) envie...

Remetente: LikotsiAdelele@KingdomOfThesolo.the

Assunto: FWD: RE: RE: RE: RE: RE: RE: RE: RE: Saudações da Família Real de Thesolo

À distintíssima e delicada menina Smith,

Talvez não tenha recebido as missivas electrónicas que lhe enviei nas últimas semanas (ver abaixo). Não acredito que tenha lido os meus apelos sinceros e os tenha ignorado. Se receia que o povo de Thesolo a tenha enfeitado pela sua conduta, não tema. Apesar da quebra de confiança originada pelo egoísmo dos seus pais, o contrato de casamento — feito perante a deusa e o governo do nosso povo — mantém-se em vigor. Como lhe dizia nos meus anteriores e-mails (ver abaixo, se não leu a minha primeira exortação), embora eu acredite que é a destinatária certa deste e-mail, antes de a poder apresentar ao Príncipe Thabiso após esta longa ausência, precisarei de mais informações. Por favor, envie-me uma cópia digitalizada da sua carta de condução, passaporte ou outra forma de identificação; o seu endereço atual; número de segurança social...

— Não tenho mesmo tempo para isto — murmurou Naledi, com o zumbido tranquilizante dos dispendiosos equipamentos de laboratório a dissimular-lhe a irritação na voz.

Apagou o e-mail com um clique no ecrã do seu telemóvel.

Os primeiros e-mails tinham sido divertidos, uma distração bem-vinda do resto da sua caixa de entrada, que consistia principalmente em lembretes de calendário sobre as sessões de estudo, chamadas de atenção para a necessidade de pagamento dos empréstimos dos estudos, conjuntos de dados a analisar e outros vestígios da sua vida universitária. Porém, os e-mails tinham-se tornado menos divertidos à medida que o conteúdo se tornara mais urgente, ficando claro que não se tratava de uma mera aleatoriedade: algures no mundo, um burlão escolhera-a como vítima. A ideia era perturbadora para uma pessoa tão ciente do seu espaço privado como Ledi e trouxe de volta uma sensação de impotência demasiado familiar para uma mulher que andara de casa em casa a maior parte da sua infância.

Ignorar os e-mails não tinha funcionado: o *spammer* redobrou os seus esforços, sem se deixar abalar pela ausência de resposta de Ledi. Já considerara bloquear as mensagens do remetente, mas parecia-lhe mais assustador *não* saber se estava a receber e-mails perturbadores.

Ledi empurrou os óculos de proteção para cima do cabelo encaracolado, que tinha penteado para trás e puxado num rabo de cavalo volumoso, e reviu mentalmente a sua lista de afazeres. Já tinha criado os meios necessários para as experiências, preparado diapositivos e introduzido dados nessa manhã, por isso, iria finalmente conseguir estudar um pouco.

Tirou a cópia de *Epidemiologia Moderna* da mochila que tinha aos pés e pousou-a em cima da secretária. Conciliar o trabalho de assistente de laboratório com o de empregada de mesa e com a pós-graduação não lhe parecera, ao início, excessivamente ambicioso — desde os 13 anos que Ledi trabalhava enquanto estudava.

Mas com a tensão a retesar-lhe os músculos da nuca ao pensar nos exames finais, nas experiências laboratoriais e no que diabo lhe reservaria o futuro, começava a pensar se tudo aquilo não seria demasiado para si.

Tinha tido alguma sorte por ter transitado do sistema de adoção para a idade adulta melhor do que algumas pessoas na mesma situação, mas a sorte não era um fator estatisticamente significativo no planeamento do seu futuro. Ganhar dinheiro, por outro lado, era uma estratégia com provas dadas, e ter o maior número possível de fontes de rendimento era uma rede de segurança sem a qual não conseguia viver. Não tinha família a quem recorrer em alturas mais complicadas, pelo que um deslize no trabalho ou na escola poderia ter um efeito dominó nos planos que tão cuidadosamente traçara para a sua vida.

— Bom dia, Naledi — interrompeu Brian, o estudante de pós-doutoramento, inesperadamente debruçado sobre o ombro dela.

Brian era um colega muito divertido: no primeiro dia de trabalho, ela apresentou-se, e ele pediu-lhe que despejasse o lixo mais frequentemente — pensava que era a mulher da limpeza. Muitas vezes parava para explicar conceitos básicos a Ledi — e só a Ledi — durante as reuniões do laboratório, ao mesmo tempo que pedia conselhos a Kevin, o novato, sobre como as coisas deviam ser geridas.

Tão divertido, aquele Brian.

Ela virou-se e ficou de frente para ele. Tinha o cabelo escuro espetado em todas as direções e não fizera a barba. Parecia stressado e preocupado, o que não era invulgar, e, geralmente, não era um bom presságio para ela.

— Olá, Brian — disse ela, tentando encontrar o tom agradável, mas deferente, que parecia agradar ao colega.

Detestava não poder falar com ele como um ser humano normal, mas, ao que parece, algo o levava a dizer ao Dr. Taketami — o investigador principal do laboratório e, portanto, o chefe de Ledi — que ela tinha «uma atitude arrogante» com ele.

Ledi não podia dar-se ao luxo de ser vista como um problema.

Queria ser cientista desde que o professor da quarta classe lhe entregara uma edição já bastante gasta da *National Geographic*. Ledi ficara fascinada com a capa: um grande plano de uma mulher de pele escura, tal como a dela, a espreitar para dentro de um microscópio. Aquela cientista andava a tentar descobrir a cura para uma doença misteriosa, e Ledi havia retido da imagem não só que queria fazer a mesma coisa, como também que o *conseguiria* fazer.

Não previra todas as outras variáveis que faziam parte da vida de uma mulher nas áreas da Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática: os políticos que tratavam a sua profissão com desprezo e ameaçavam o futuro dela e do mundo; e os colegas cientistas como Brian, que achavam que as mulheres no laboratório eram suas assistentes pessoais e não suas pares.

— Como estás esta manhã? — perguntou-lhe ela, no mesmo tom que ouvira as secretárias dos antigos programas de televisão usarem para aplacar os patrões sexistas.

Brian sorriu; pelos vistos, também assistira aos mesmos programas.

— Na verdade, estou um pouco atrasado com o trabalho desde que regresssei da conferência de Keystone.

Foi então que Naledi reparou no molho de papéis que tinha nas mãos. *Olha-me este sacana*, pensou ela.

— Oh, que pena — disse ela.

— Temos de submeter este pedido de subsídio; se perdermos este financiamento, estamos tramados. Uma vez que não tens muito que fazer...

— Como sabes que não tenho muito que fazer? — perguntou ela no mesmo tom educado, incapaz de reprimir a pergunta.

Brian pigarreou.

— Bem, estás aí sentada sem fazer nada...

— O Kevin também está ali sentado. E está claramente a ver um filme no telemóvel — disse ela, inclinando a cabeça para o colega

de laboratório do outro lado da sala, que se ria do que quer que fosse que estivesse a ver. A sua voz continuava calma e educada, mas viu Brian a franzir o sobrolho de contrariedade.

— Olha lá, todos temos de fazer trabalho chato, por vezes. Faz parte das funções. Achas que estás livre de o fazer?

Ledi respirou fundo. Ela trabalhava muito... muito mais do que devia, na realidade. Esse é que era o problema. Quando se trabalhava sempre o dobro, trabalhar ao ritmo normal era visto como baldar-se.

— Não — respondeu ela calmamente. — Não acho.

Porque é que me dei sequer ao trabalho de falar?

Aprendera desde cedo que desafiar as pessoas que tinham poder sobre nós nos tornava indesejáveis, e ser indesejável significava juntar as coisas num saco do lixo preto de plástico e ser enviada de volta para o orfanato. Reprimiu a onda de náusea e lembrou-se do *workshop* que frequentara para mulheres das áreas de Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática. Precisava de definir os seus limites, ou as pessoas presumiriam que não os tinha.

— Não tenho qualquer problema em fazer o que devo, mas este é o quarto pedido de subsídio para o qual me pedes ajuda — disse ela. — E deixa-me adivinhar: tem de entrar esta semana? — Brian acenou rigidamente com a cabeça. — O Kevin nunca te fez nenhum — afirmou ela suavemente, embora estivesse farta de ser branda. Estava simplesmente farta.

— Mais uma razão para seres tu a fazê-lo — insistiu Brian. — Não vais cometer erros de principiante.

E pronto: se continuasse, estaria a pressionar; e por mais que tivesse ouvido falar em «fazer acontecer», quando tentava, batia quase sempre numa parede que exercia uma força igual e oposta. Devia ter-se limitado a pegar nos formulários com um sorriso e ficar de boca calada.

— Claro, vou já tratar disso. Desculpa.

Arrumou o manual e pegou nos papéis, conseguindo — sabe-se lá como — não os amassar numa bola. Brian afastou-se sem um agradecimento sequer.

Ledi respirou fundo para se focar.

Os malditos pós-doutoramentos são temporários, mas as descobertas científicas são para sempre.

Quando abriu os olhos, Trishna, sua colega de laboratório e, tal como ela, estudante de Saúde Pública, estava a observá-la do outro lado da mesa. O longo cabelo escuro de Trishna estava puxado para trás, e os óculos de proteção ampliavam a irritação que lhe transparecia nos olhos.

— Que idiota — disse Trishna.

Ledi permitiu-se um breve momento de camaradagem antes de minimizar o sucedido com um encolher de ombros.

— Não tem importância — retorquiu ela animadamente. Sorriu para Trishna, na esperança de que a sua expressão não revelasse o instinto homicida que estava a sentir.

— É, sim. O Brian que vá dar uma volta — insistiu Trishna, erguendo as sobrancelhas por trás dos óculos. — Deve ter inveja do teu estágio no grupo de trabalho das doenças, com o Dr. Kreillig, no próximo verão, sabes? Parece mesmo brutal. Grupo de trabalho! Como aquele *meme* com o tipo dos óculos de sol. «Estou aqui para curar doenças e mastigar pastilha elástica, e estou sem pastilha elástica.»

Trishna pegou em dois tubos de ensaio e apontou-os de forma ameaçadora em redor do laboratório.

Ledi até se teria rido se Trishna não tivesse trazido à baila mais um dos seus abundantes problemas. Remexeu nos papéis do subsídio que Brian acabara de lhe deixar, sem olhar verdadeiramente para eles.

— É. Estou mesmo ansiosa por aprender muito este verão.

O que ela queria dizer era que o seu orientador, o Dr. Kreillig, tinha deixado de lhe responder aos e-mails e telefonemas, e que,

na realidade, não fazia ideia do que se passava com o seu trabalho de campo de verão... mas partilhar esse tipo de informação seria muito pouco típico dela.

— O grupo de trabalho parece ter uma grande dinâmica — acrescentou para impressionar. Se dissemos um monte de disparates com um sorriso, as pessoas não conseguem perceber que estamos a ser evasivos. — Fizeram um ótimo trabalho a conter o recente surto da doença do legionário.

Ser amigável ao mesmo tempo que mantinha as pessoas à distância era algo perfeitamente natural para Ledi. Pensava nisso como sendo a sua camada social de fosfolípidos: flexível, dinâmica e concebida para manter as partes importantes de si própria separadas de um ambiente exterior potencialmente perigoso. Se resultava para os procariotas há séculos, também seria suficiente para uma estudante de pós-graduação, que estava apenas um pouco acima na escala evolutiva.

— Quando começa? — perguntou Trishna.

— Ainda estou à espera de que entrem em contacto comigo. O Dr. Kreillig anda muito ocupado.

Ambas as afirmações eram, basicamente, verdadeiras.

— Ah, talvez esteja ocupado com uma epidemia qualquer — aventou Trishna. — Parece que, no ano passado, quando os casos de zica começaram a surgir, andou desaparecido durante alguns dias.

Ledi não desejaria um surto a ninguém, mas talvez isso explicasse a razão pela qual já tinha passado mais de uma semana desde que tivera notícias dele. Uma semana parecia uma eternidade quando o estágio, a tese daí resultante e talvez o caminho que toda a sua carreira iria tomar estavam em causa. Se ao menos o Dr. Kreillig estivesse tão motivado como o burlão nigeriano — ou thesoloniano, para ser mais precisa —, ela não estaria nesta situação.

— E tu? — perguntou Ledi, mudando de assunto.

— Olha, parto para o Maine na semana após os exames.

O telemóvel de Ledi vibrou e ela viu uma mensagem da amiga Portia a aparecer no ecrã.

Amanhã à noite vamos ter uma inauguração na galeria onde vou estagiar. Vinho e queijo grátis! E eu sei que adoras vinho e queijo grátis! 😊

Ledi adorava todo o tipo de comida e bebida grátis, mas, se fosse àquela inauguração, teria de se espremer na elegante galeria de arte com uma centena de outras pessoas com o mesmo objetivo. E muito provavelmente também teria de aturar uma Portia bêbeda. E uma Portia bêbeda não estava na longa lista de afazeres de Ledi.

Parece divertido, mas tenho de trabalhar no Instituto até às 21 amanhã. ☹️

Oh, bah. Podíamos encontrar-nos para beber um copo depois? 🍷

Talvez!

Talvez não. Portia era a sua melhor amiga, mas Ledi estava demasiado exausta para festarolas com pessoas embriagadas. Depois de um longo dia de trabalho, queria um copo de vinho para poder relaxar, não como um prelúdio para uma noite de farra. Não tinha nada contra farras, mas não dispunha de tempo para isso — nem para sentir uma onda de ansiedade de cada vez que Portia fazia sinal a uma empregada de mesa ou se dirigia ao bar.

Portia era o exemplo perfeito da razão pela qual a membrana celular social de Ledi existia. Quando alguém se introduzia, Ledi não conseguia deixar de se preocupar com essa pessoa, e a preocupação não tinha resultados concretos no mundo real a não ser drenar-lhe a sua tão necessária energia.

Ah, foste ver os teus resultados no MyGeneScreen? Eu sou 83 por cento africana e 17 por cento europeia. Tenho de dizer à minha mãe que não somos, de facto, descendentes de uma princesa Cherokee.

Sim, mas tem lá calma com essa conversa. Sabes bem que não acredito na fiabilidade desses testes.

Portia recebera uns testes de ADN de um qualquer evento promocional para as *socialites* das redes sociais, e deu um a Ledi. Esta sentiu-se momentaneamente tentada a saber mais sobre o seu passado, mas, quando recebeu o e-mail a anunciar os resultados, apagou-o.

O que é que importava? Ela era 100 por cento nova-iorquina, e essa era a única coisa que precisava de saber. Claro que a base de dados genética a associava a possíveis parentes, mas...

Mas o quê? Tinha sobrevivido a uma infância pouco memorável, estava a caminho de ser uma boa epidemiologista e não precisava de uns dados quaisquer, cientificamente duvidosos, para trazer mais confusão para a sua vida.

Estava bem como estava.

— Está tudo a correr bem com os papéis do subsídio? — gritou Brian do outro lado do laboratório. — Compreendes tudo?

Levantou-lhe o polegar, como que a fazer uma pergunta. Apetecia-lhe responder com outro dedo, mas, ao invés, ofereceu-lhe um grande e falso sorriso.

— Está tudo sob controlo — disse ela, animada, desejando que fosse verdade.

Capítulo 2

Remetente: LikotsiAdelele@KingdomOfThesolo.the

Assunto: URGENTE! CONTRATO MATRIMONIAL

À estimada menina Smith,

Volto a enviar um e-mail, na esperança de uma resposta. Apesar das infrações passadas dos seus pais, a menina mantém a benevolente bênção do REI LERUMO e da RAINHA RAMATLA do Reino de Thesolo, e o seu contrato com o príncipe continua válido. É imperioso que me contacte imediatamente em relação ao seu noivado com Sua Alteza Real, o PRÍNCIPE THABISO

Ledi amaldiçoou novamente os deuses dos filtros de *spam*, ao entrar no seu exíguo estúdio em Inwood, na noite seguinte. Também se amaldiçoou por se ter esquecido de deitar fora o lixo de manhã, antes de se dirigir, ainda meio a dormir, para a biblioteca da universidade; a casa tresandava à comida chinesa barata que comera duas noites antes.

Deixou cair a mochila ao chão e tirou o saco de plástico amarrado e abrilhantado com um entusiástico «OBRIGADO!» da maçaneta da porta. Os sons da vida dos seus vizinhos ecoaram no corredor juntamente com os seus próprios passos, enquanto se dirigia para o compactador de resíduos: do outro lado do corredor,

a Sra. Garcia, uma viúva reformada que gravava as telenovelas e as via no volume máximo todas as noites, quando chegava a casa do voluntariado; Jayden e Ben, as crianças do 7C, que pareciam estar sempre a rir-se como loucas de alguma coisa; e *Boca*, o papagaio que praguejava em lituano sempre que alguém passava pela porta do 7H.

Também sentia o cheiro dos vizinhos: jantares preparados ao estilo de, pelo menos, quatro continentes, mais a contribuição nebulosa do *hipster* pedrado que se mudara para lá algumas semanas antes.

A divisão do compactador de resíduos recebia todos os cheiros da comunidade e depois fermentava-os e ampliava-os. Susteve a respiração ao entrar na pequena sala e, usando a manga da camisola para abrir o alçapão coberto de bactérias que dava para a conduta, deitou para o interior os restos do *foo yung* de ovos. O telemóvel vibrou-lhe no bolso, e, num acesso de irritação, Ledi pensou em atirá-lo lá para dentro também. Mas tal seria apenas uma solução temporária para o seu irritante problema do *spammer*, e trabalhara demais para conseguir comprar o telemóvel para agora o considerar descartável.

Tinha tido sorte em arrendar um apartamento assim que saiu do secundário, e o part-time no refeitório de luxo do Instituto pagava um bom salário pelo trabalho de empregada de mesa, mas ainda assim o telemóvel levava-lhe uma grande parte do orçamento. Uma parte que podia ter sido usada para amortizar o resto do empréstimo da licenciatura ou, pelo menos, alguns juros. Conseguira uma boa taxa de juro, mas depois o empréstimo havia sido vendido a uma empresa qualquer com a clara intenção de roubar todos os otários que não tinham sido capazes de pagar logo os estudos universitários. A ideia de todo o dinheiro que devia e continuaria a dever a várias entidades governamentais fê-la querer pôr o telemóvel em segurança e saltar ela própria para a conduta do compactador.

*E quem iria notar se o fizesses, exceto os cobradores de dívidas?
E a Portia?*

Voltou para o apartamento, lavou as mãos no lavatório da pequena casa de banho e deixou-se cair no *futon*.

Gemeu. *Preciso mesmo de ter material viscoelástico na minha vida.*

Tinha dinheiro suficiente para mandar arranjar o *futon*, mas o cérebro rejeitava a despesa, colocando-a num pedestal como uma coisa que a Ledi do futuro, que havia de ter dinheiro para fazer tais compras sem antes verificar três vezes o saldo da sua conta bancária, podia comprar. Ledi não sabia quanto era necessário, mas tinha a certeza de que não estava nem perto disso.

Esticou-se e rechaçou os pensamentos sobre dinheiro e o seu futuro incerto. O corpo doía-lhe das horas que passara em pé no Instituto, e tinha o cérebro em papa de tanto estudar e tentar não se preocupar com o estágio.

Dissera a si própria para não se entusiasmar demasiado quando Kreillig lhe oferecera o estágio de verão, já que o entusiasmo era apenas outra forma de denominar a expectativa, e as expectativas eram o caminho mais rápido para a desilusão. Mas depois leu um *post* no blogue *GirlsWithGlasses* sobre minimizar os nossos feitos. Encorajava os leitores a deixarem as suas recentes conquistas nos comentários, e, sob o semianonimato da *web*, ela comentara «CONSEGUI UM ESTÁGIO DO CARAÇAS!!!». Tinha-se deleitado com os *likes* e encorajamentos dos outros utilizadores, mas agora sentia que estava a pagar o preço com a tortura da espera pela resposta de Kreillig.

E depois havia o *spammer* que a achava suficientemente presunçosa para acreditar que tinha potencial para ser princesa...

Um rangido de frustração, vindo de um canto do apartamento, interrompeu-lhe o aturdimento, e ela saltou da cama, impelida pela culpa rápida e cortante de desapontar alguém que dependia dela para sobreviver.

— Desculpem! Devem estar cheios de fome!

Correu para a pequena gaiola perto da única janela da divisão, que proporcionava uma vista espetacular da parede de tijolos do edifício adjacente. Não era muito, mas o *Gram-P* e o *Gram-N* estavam destinados a ser *slides* debaixo do microscópio de algum investigador, pelo que tinha a certeza de que lhe davam valor.

Os dois ratos de laboratório brancos saltitavam alvoroçados, com as pequenas mãos cor-de-rosa contra o vidro, ao verem-na aproximar-se. Era sexta-feira, o que significava que lhes trouxera comida com alto teor de gordura do laboratório.

— É. É bom — disse ela, tirando o *tupperware* da mala e deixando cair as *pellets* pela malha da parte superior da gaiola.

Eles guincharam de satisfação e correram para recolher a sua refeição.

— O que é que vocês pensam? — perguntou ela, encostando-se à parede ao lado do parapeito da janela.

Dois pares de olhos rosa brilhantes olharam para ela. O *Gram-P* deixou de mordiscar a comida que segurava nas patas, como que à espera de que ela continuasse.

— Pareço-te ter potencial para ser princesa?

O *Gram-N* virou costas para ir à caça de mais comida, e Ledi teve de concordar com ele.

Não sabia porque é que os burlões thesolonianos a tinham escolhido como vítima, dado o estado da sua conta bancária e da sua vida. Olhou em redor do pequeno apartamento. Móveis limpos, mas obviamente em segunda mão, comprados nas lojas Goodwill ou encontrados nos passeios, nas noites em que ia levar o lixo. Postais e impressões baratas que emoldurara para dar alguma personalidade à sua sala de estar e uma pintura mesmo bonita que fora um presente de Portia. Tal como a maior parte da sua vida, a decoração interior tinha sido feita com os restos de outras pessoas. Os burlões precisavam mesmo de refinar os seus critérios de busca.

Ou talvez estivessem a apontar para o alvo certo.

O egoísmo dos seus pais... Não pensava nos pais há muito tempo, mas os e-mails desta Likotsi tinham-na feito começar a questionar-se novamente. Quase respondera, *quase*, mas depois lembrara-se de que era assim que os burlões atraíam as pessoas. Talvez houvesse uma base de dados de crianças que já tinham ultrapassado a idade para estar em orfanatos, sem terem sido adotadas nem recolhidas por membros da família, onde estes cretinos andassem à pesca de vítimas.

Ledi respirou fundo, com uma confusão de emoções acumuladas no peito. Uma sensação que não tinha desde os 17 anos, sentada no seu quarto da residência universitária, a ver pais de todos os tipos a acompanharem os filhos à chegada. Quando as pessoas lhe perguntavam onde estavam os seus, mentia e dizia que já tinham saído; era mais fácil do que lidar com os olhares piedosos que recebia quando dizia a verdade. Vários dos seus colegas de turma haviam acabado o curso a pensar que os seus pais estavam vivos. Não tinha importância; eram pessoas que faziam parte do ambiente exterior da vida universitária.

Ledi afastou os pensamentos exasperantes.

Os e-mails eram mais do que meros incómodos. Eram um lembrete do que perdera. Agora era adulta, fazendo o seu próprio caminho no mundo e de forma brilhante, mas parte dela seria sempre a criança de 4 anos escondida no armário de uma casa de acolhimento desconhecida, incapaz de processar a ideia de que nunca mais veria os pais.

Lembrava-se da pele escura do pai e da forma como o seu sorriso parecia fazer o mundo girar. Lembrava-se de que a mãe cheirava a flores e a manteiga de coco, e da forma como se sentia ao ser apertada nos seus braços. Mas resumia-se a isso, além de alguns fragmentos de memórias que se estilhaçavam se as agarrasse com demasiada força. Não sabia quem eles eram, nem quem ela era, e cada um dos e-mails lembrava-lhe o cerne da questão: estava sozinha.

O *Gram-P* chiou e correu para o lado da gaiola mais próximo dela. Pressionou a sua pata contra ela, como se pudesse sentir a sua tristeza. Com a ponta de um dedo, Ledi acariciou o vidro em jeito de agradecimento e suspirou.

Nada é mais patético do que isto, pensou Ledi, afastando-se do parapeito da janela e percorrendo a meia dúzia de passos que conduziam à kitchenette. *Ser confortada por um Mus Musculus*.

O telemóvel vibrou, mas Ledi ignorou-o, sabendo que ou era outro e-mail irritante ou uma mensagem de Portia para ver se ela mudara de ideias quanto a encontrarem-se para beber um copo. Ambas as possibilidades tinham o mesmo interesse para ela, uma vez que Portia ainda considerava o filme *A Ressaca* como um modelo para saídas divertidas.

Ledi olhou para o telefone, com o brilho do ecrã a chamar-lhe a atenção. Talvez devesse mesmo sair. Não se divertia minimamente há algum tempo, e sair com a melhor amiga era mais saudável do que falar com ratos. Mas a ideia de galhofa forçada com estranhos num bar — ou pior, de Portia a perguntar-lhe se ela estava bem — tomou a decisão por ela. Falar sobre o que se estava a passar com Kreillig e com o seu *spammer* torná-los-ia demasiado reais, e Portia iria, claro, tentar consertar tudo, porque Portia sentia-se obrigada a consertar tudo o que não fosse ela própria.

Abriu o congelador. Passaria a noite com *Ben & Jerry*, que não faziam perguntas e não bebiam álcool, a menos que se tratasse de passas ao rum. Não a meteriam em encrencas e, seguramente, não gozariam com ela por se deixar seduzir pela fantasia infantil de que talvez, apenas talvez, o burlão de Thesolo estivesse a dizer a verdade.

Ledi despertou dos sonhos de taxas de correção de Bonferroni ao som de um martelo pneumático. O despertador ainda não tinha tocado, o que significava que era demasiado cedo ou demasiado

tarde para qualquer tipo de trabalhos de construção civil. Pensou em ligar para o 311 a reclamar, mas fosse como fosse não fariam nada. Era o placebo dos números de emergência. Pôs a almofada sobre a cabeça.

O som recomeçou quando estava a voltar a adormecer, e percebeu que não vinha lá de fora. O barulho vinha de dentro da sua casa, por assim dizer.

— Ledi! Tenho de ir à casa de banho! — exclamou uma voz familiar do lado de fora da porta.

Oh, caraças...

Portia. À porta de Ledi, a meio da noite, em vez de estar no seu próprio apartamento em Brooklyn. *Outra vez.*

Raios. Lá se vai o meu sono REM.

Estava tão cansada que sentiu vontade de chorar a perda do sono precioso. Podia fingir que não estava em casa, mas isso teria duas possíveis consequências: 1) um dos vizinhos seria acordado em vez dela, resultando, provavelmente, numa cena; 2) Portia vaguearia bêbeda pela cidade, deixando Ledi preocupada, sem saber se teria chegado bem a casa. Ambas as hipóteses resultariam na perda de ainda mais tempo de sono, pelo que abrir a porta lhe pouparia tempo e energia, e talvez uma ida às Urgências.

É para isso que servem as amigas, certo?

Arrastou-se para fora da cama, destrancou os ferrolhos da porta e abriu-a. O odor inconfundível a *pub* irlandês rançoso feriu-lhe as narinas e fê-la franzir o nariz.

— Estás bem? — perguntou Ledi, por força do hábito. Era a mesma coisa que respondia logo de manhã, depois de acordar e ver mensagens escritas sob o efeito do álcool.

Já Portia parecia bem; mais do que bem.

Um dia, haveria de fazer um estudo de caso sobre como a sua amiga estava sempre tão composta, mesmo com a maior das cardinas. As calças justas cor de marfim apresentavam apenas algumas nódoas, e a blusa castanha, feita à medida, estava amarrotada, mas

não deixava de transmitir classe. Os brincos, o colar e as pulseiras eram uma mistura de clássico refinado e chique boémio, que se adaptavam perfeitamente a ela. Os caracóis de cabelo dourado eram ostensivos e vicejantes, e a pele morena era clara e suave, com leves constelações de sardas.

A única coisa que não estava bem eram os olhos. Estavam carregados com a desconfiança que muitas vezes lhe sobrevinha após alguns copos, mesmo quando estava, supostamente, a divertir-se. Era uma coisa que Ledi nunca conseguira compreender em todos aqueles anos de amizade. Tão-pouco conseguira persuadir Portia a falar com um profissional que a ajudasse a compreender esse seu traço.

— Estou ótima. Espero não estar a incomodar — disse Portia com uma voz suave, mas ligeiramente arrastada, ao mesmo tempo que ia entrando no apartamento de Ledi. — Já não te via há algum tempo e fiquei preocupada quando enviei mensagens e telefonei e tu não respondeste. O *after party* não era muito longe daqui... quer dizer, o *after after party*, que era só eu e o artista no apartamento dele, por isso decidi passar por cá para ver se ainda estavas viva.

Portia sorriu e encolheu os ombros, e uma parte do aborrecimento de Ledi dissolveu-se. Uma parte pequenina. Microscópica. De facto, tinha estado demasiado ocupada para se encontrarem nas últimas semanas, apesar dos apelos persistentes de Portia para jantar, beber um copo ou ir a vários eventos artísticos. Portia estava preocupada — ninguém além de Portia se preocupara realmente com Ledi desde que saíra do orfanato para ir viver sozinha. Mas aparecer bêbeda à porta de uma amiga a meio da noite não era simpático, mesmo que cheia de boas intenções; e esta não era a primeira vez, nem sequer a quinta, que isso acontecia.

Ledi já falara com Portia como amiga e como futura profissional de saúde. A cada conversa, uma Portia humilde prometia ter mais calma com as festas, e uma Ledi frustrada explicava que não

continuar a aturar disparates de bêbedas; ambas engoliam facilmente as mentiras. Que alternativa tinham?

— Ledi? — insistiu a amiga, com um toque impercetível de pânico na voz.

Ledi suspirou.

— Estamos a meio da noite, por isso, sim, estás a incomodar-me. Mas como vieste para te certificares de que eu não tinha sido vítima de um assassino em série, pronto, não faz mal — disse Ledi, afastando-se para a deixar entrar.

Faz mal, sim.

Portia entrou aos tropeções no apartamento, virando abruptamente à direita para a casa de banho, que parecia ter sido construída para um contorcionista.

Ledi foi para a sua pequena cozinha. Encheu uma garrafa com água e deitou um multivitamínico efervescente lá para dentro, para ajudar a suavizar a ressaca da amiga. Ficou de pé por instantes, observando as bolhas a juntarem-se no plástico transparente e ouvindo os seus artigos de higiene pessoal a serem deitados abaixo das prateleiras da casa de banho. O peso de uma pergunta que tentara não se fazer demasiadas vezes abateu-se sobre si.

Não seria bom se, para variar, alguém tomasse conta de mim? Pela sua experiência, a menos que fosse remunerado, ninguém estava interessado nessa tarefa específica.

Ouviu o autoclismo e, de seguida, o barulho de algo a cair no chão de azulejos. Ledi gemeu.

— Também queria ter a certeza de que estavas bem, depois daquela história do Clarence — continuou Portia, imperturbável, saindo e esfregando as mãos nas calças. Pegou no elegante telemóvel, que estava pelo menos três gerações à frente do de Ledi e que tinha o dobro do tamanho. — Tenho de te comprar uma vela. Vou encomendar uma agora e amanhã está cá. E precisas de arranjar toalhas de mão novas; vou acrescentá-las à encomenda.

Ledi pestanejou.

Vela? Ah, então era esse o som de vidro partido. Toalhas? As que tinha eram boas. Clarence? Já esquecera aquela curta relação; uma inoportuna mensagem da amante revelara a sua verdadeira natureza. Umhas semanas de liberdade das suas enfadonhas histórias da indústria financeira tinham mostrado a Ledi a bênção que na realidade *Melissa* «*Estou nua e à tua espera*» *S.* havia sido.

— Hum, obrigada... O Clarence já passou à história. Foi arquivado nos *Anais do Jornal dos Pulhas de Nova Iorque*. — Entregou a garrafa a Portia. — Juntamente com 95 por cento dos teus engates.

— Ainda bem. — Portia ignorou a alfinetada sobre a sua própria vida amorosa, atirou-se para cima do *futon* e começou a ver o telemóvel enquanto bebia da garrafa. — Queres matá-lo? Eu ajudava-te a esconder o corpo. Sabes que a minha família tem terras por todo o nordeste. Oh, olha para estas toalhas de mão com pequenos microscópios! — exclamou, virando o ecrã do telemóvel para Ledi.

— Não é necessário; ter de viver consigo próprio já é castigo suficiente — disse Ledi, inclinando-se para examinar o telemóvel. — E as toalhas são giras, mas eu posso comprar as minhas próprias toalhas.

— Porquê? Eu disse que as oferecia. E continuo a achar que o devíamos despachar — disse Portia, espreguiçando-se.

Ledi abanou a cabeça. Portia *era capaz* de matar por ela, mas fá-lo-ia com uma elegante faca de cortar bifes da *Tiffany's* ou de onde quer que os ricos comprem os talheres, e não com uma faca qualquer. E, se usasse uma faca qualquer, seria uma arma artesanal que tivesse fabricado num dos inúmeros *workshops* que frequentava, feita com vidro resgatado da praia ou algo do género.

Portia era uma eterna estudante, experimentando tudo o que lhe interessasse e passando depois para a próxima fantasia que lhe chamasse a atenção. Podia dar-se ao luxo de andar à deriva, escolhendo por capricho onde prosseguir os estudos e com

que seriedade o fazer. Ledi tentava não ficar ressentida com isso, e quase sempre conseguia. Portia não pedira para desempenhar o papel de Menina Rica, tal como Ledi não tinha pedido para ser a Pequena Órfã.

Ledi enfiou-se na cama com Portia, puxando uma parte do cobertor que estava por baixo da amiga. Iria dormir mais um pouco. Ia falar de bioestatística ao pequeno-almoço com o seu grupo de estudo e depois esperava-a um longo turno no Instituto com mais estudo para acabar a noite — e mais preocupação por causa do estágio, se Kreillig não dissesse nada.

— Ledi?

Portia puxou o cobertor que estava debaixo dela e deu-o a Ledi.

— Sim?

— Não te incomodei, pois não?

Ledi ainda estava aborrecida, e não queria encorajar maus hábitos, mas parte dela estava realmente contente por Portia ter ido lá a casa. Andava consumida com a universidade e com o trabalho, e esquecera-se de como era bom interagir com outra pessoa que não tinha nada que ver com nenhum daqueles mundos.

— Não, não incomodaste.

Portia respondeu com um ressonar ligeiro; já estava a dormir.

Ledi suspirou e olhou para a escuridão; estava totalmente desperta. Não pensara muito na sua recente separação, mas agora perguntava-se porque é que Portia se preocupara com a hipótese de Clarence regressar — para começar, Ledi nunca esperara que ele ficasse com ela muito tempo. Sentia-se como uma peça de velcro defeituosa; as pessoas tentavam colar-se a ela, mas havia algo intrinsecamente errado na sua conceção. Essa hipótese era sustentada por mais de 20 anos de dados, a começar com a sua primeira família de acolhimento, tinha ela 5 anos. Sem dúvida que as visitas noturnas de Portia bêbeda eram preocupantes, mas Ledi continuava a pasmar-se de cada vez que a amiga se dava ao trabalho de se preocupar com ela e de a visitar.

É por isso que aturas os disparates dela?

Ledi mudou de posição no *futon*, afastando aquele pensamento desconfortável, mas não foi suficientemente rápida a evitar outro: ficara aliviada quando descobrira a traição de Clarence — ele provara que a sua teoria do velcro estava certa. E quando ele encolheu os ombros e disse «Até parece que me amas», não se enganara. A sua membrana celular social mantivera-lhe o coração a salvo.

Ainda assim... questionou-se como seria deixar alguém entrar. Não Clarence, que tinha sido um namorado do tipo «Quebrar o Vidro em Caso de Emergência», mas alguém que pudesse realmente provar que a sua teoria estava errada.

Seria aterrador.

Ledi dava voltas e mais voltas na cama, como que a libertar-se dos pensamentos que ameaçavam prendê-la, e Portia resmungou do outro lado da cama.

Estava muito bem sozinha. Sempre estivera. Mas e se nenhum tipo decente conseguisse passar as barreiras que ela erguera? Ora, também não fazia mal nenhum.

Mal nenhum mesmo.

Ficou ali deitada, a olhar para o teto, forçando-se a dormir. Mas o seu cérebro tinha outros planos, levando-a numa visita guiada a todo o trabalho que precisava de terminar e explicando-lhe como não o conseguir fazer resultaria num fracasso total e completo. Finalmente, como um rato numa roda a girar a alta velocidade, esgotou-se a pensar em todas as maneiras de como poderia falhar, e nas repercussões de cada possibilidade, e começou a adormecer.

Oh, meu Deus, isto é muito melhor do que sexo. Quem precisa de um homem?, pensou ela ao ser arrastada para a doce escuridão da letargia...

Então, o telemóvel vibrou. Ledi gemeu contra a almofada, com o corpo pesado de cansaço, e estendeu a mão para o telemóvel.

Remetente: LikotsiAdelele@KingdomOfTheSolo.the

Assunto: O tempo urge

Menina Smith,

Sei que recebeu as minhas mensagens — vejo que foram lidas. Não sei porque ignora as minhas tentativas de contacto. É imperativo que responda de imediato ou...

— Cabra — rosnou ela.

Desta vez, não apagou o e-mail. Queriam uma resposta? Ia fazer-lhes a vontade.

Remetente: N.Smith@webmail.com

Assunto: Re: O tempo urge

VAI À MERDA.

Capítulo 3

— **V**ossa Alteza...
Thabiso abriu os olhos, numa posição sobre a mesa de massagem que lhe assegurava que os mocassins de couro italiano da sua assessora pessoal estavam na sua linha direta de visão.

Estavam há horas no voo para Nova Iorque, mas ele tinha a certeza de que, se olhasse para cima, Likotsi ainda estaria com o casaco, o colete e a gravata feitos à medida, e a camisa continuaria tão impecável como se tivesse acabado de ser engomada. Há muito tempo que se resignara a não ser o mais bem vestido do palácio.

Mas não olhou para cima. Fechou os olhos e concentrou-se nas mãos ágeis da massagista a trabalhar-lhe o corpo. As pontas dos dedos pressionavam-lhe os músculos ainda tensos após três dias de reuniões comerciais stressantes em Liechtenbourg. O trabalho dela era um exercício de futilidade, tendo em conta as reuniões adicionais que o esperavam em Nova Iorque, mas Thabiso aproveitava o que podia destes momentos de relaxamento. Os tabloides que conjecturavam sobre a vida quotidiana da realeza ficariam amargamente desiludidos se soubessem que o solteirão mais cobiçado de África passava a maior parte do seu tempo stressado com o trabalho e a tentar obter uma dose rápida de alívio, como a maioria dos comuns mortais.

— Senhor? — insistiu Likotsi.

Thabiso fungou de irritação. Queria apenas este breve momento de repouso antes de o trem de aterragem tocar no chão e o massacre recomeçar. Sentiu-se tentado a tapar os ouvidos com as mãos e a gritar como quando era criança — as suas birras eram lendárias, e o rei e a rainha haviam muitas vezes comentado que tinha sorte por ser o único herdeiro da coroa, tendo em conta a forma como lhes punha a paciência à prova.

Faziam frequentemente comentários por ele ser o único herdeiro.

Sem pressão.

O som de um mocassim no chão alcatifado acrescentou uma batida de fundo inquietante à música relaxante que a massagista pusera. Thabiso sabia o que significava aquele som: Likotsi tinha algo importante para lhe dizer. Talvez algo que ver com o acordo comercial da União Africana.

«Tomam-nos por parvos com esta oferta, Príncipe Thabiso. Temos de a recusar!»

Ou talvez tivesse havido outra escaramuça com os agricultores sul-africanos que tinham vindo a invadir terras thesoloianas.

«Se a coroa não proteger as nossas terras, nós seremos forçados a proteger-nos a nós próprios, Vossa Alteza.»

Havia também a empresa que queria abrir uma mina em Thesolo para extrair os minerais raros da terra, necessários para ecrãs de telemóveis e carros híbridos. Pela forma como insistiam, poderia pensar-se que tais matérias-primas eram mais importantes do que o futuro ecológico de um pequeno reino africano.

«Vai ser muito lucrativo para os cofres de Thesolo, Vossa Alteza. Sou o ministro das Finanças e sei mais sobre estes assuntos do que Vossa Alteza. Confie no que lhe digo.»

Ou, mais preocupante ainda, talvez os seus pais tivessem finalmente concretizado a ameaça de lhe encontrar uma noiva, uma vez que ele não estava a tomar medidas concretas para dar continuidade à linhagem real Moshoeshoe.

«Filho, andas a adiar este dever há demasiado tempo. Os nossos súbditos estão preocupados com o futuro do reino, e há rumores de maus presságios.»

Parecia que todos queriam ou precisavam de qualquer coisa dele, e o número de pessoas que o viam como garante e protetor aumentava a cada dia. A sua responsabilidade era como areias movediças: tinha vindo a engoli-lo paulatinamente desde que nascera. Por vezes, Thabiso tinha a certeza de que a pressão o iria esmagar. Era um príncipe que havia de ser rei, e não teria direito a aposentação, ou a tréguas, em relação ao dever que tinha para com o seu povo.

Desejava ardentemente uma pausa. Mas essa não era uma opção para os filhos únicos. Thabiso lutou contra o ressentimento que começara a crescer como uma erva daninha insidiosa nos recantos mais sombrios da sua mente. Ressentimento contra os pais, por não terem mais filhos, e contra o seu povo, por esperar que ele fosse um príncipe mítico e não um príncipe de carne e osso. Todos se haviam esquecido de que havia um Thabiso a seguir à palavra «príncipe», ao ponto de também ele por vezes se esquecer.

— Meu príncipe?

Já não podia fugir às suas responsabilidades.

Levantou a cabeça da mesa de massagem para encontrar os olhos de Likotsi. Em vez de estarem baços de preocupação, estavam arregalados e brilhantes. Nas mãos, tinha o tablet elegante que utilizava para organizar todos os aspetos da vida de Thabiso, desde consultas dentárias a encontros amorosos ou à elaboração de acordos políticos.

— Temos novidades — anunciou ela. Ajeitou a gravata, um pecado capital e um tique que mostrava como estava empolgada, o que deixou Thabiso ainda mais curioso.

— Já chega, Trudy — disse, maldisposto, por cima do ombro, para a massagista.

Ela curvou-se e escapou-se para a área de serviço do jato privado, onde provavelmente iria coscuvilhar com o comissário de bordo.

— Chama-se Melinda — corrigiu Likotsi. — A Trudy foi despedida há duas semanas quando Vossa Alteza teve uma reação alérgica à mistura de óleos que ela lhe aplicou a caminho do Quênia. Vossa Alteza quase a expulsou do reino, se bem se lembra.

— Do que me lembro é da alergia que me atormentou durante as reuniões em Nairobi — recordou, irritado, Thabiso. — Tive de ter discussões políticas decisivas com chefes de nações poderosas ao mesmo tempo que tentava não esfregar as nádegas na cadeira em busca de alívio. A Trudy teve sorte por não a mandar meter num calabouço.

Likotsi agitava o tablet de um lado para o outro.

— Tenho novidades importantes a partilhar, a menos que deseje continuar a discutir essa grave injustiça.

Thabiso franziu o sobrolho perante a troca dela, mas deixou-a passar. Likotsi sabia muito bem até onde podia ir, e isso era mais longe do que a maioria. Em parte, porque ele a admirava, mas também porque não sobreviveria uma semana sem ela, e ambos sabiam disso.

«O teu avô lutou contra os colonizadores com as próprias mãos e tu não podes funcionar sem assessora», notava Ingoka.

— O que foi? Mais diretivas dos ministros das Finanças? Mais agitação por parte dos meus súbditos por me vestir demasiado à ocidental ou porque sorrio pouco ou em demasia?

Thabiso sentou-se direito na mesa de massagem, tentando assumir um ar de dignidade, embora estivesse só de *boxers* e coberto de óleo perfumado. Queixar-se das obrigações que vinham com a sua posição elevada não era propriamente dignificante, mas estava exausto.

Likotsi olhou para ele de relance, com a preocupação evidente nos olhos.

— Tem a certeza de que está bem?

— Tenho. — Era um príncipe. É claro que estava bem. Tinha de estar. — Vá, desembuche.

Likotsi assentiu com a cabeça, e a sua expressão preocupada rapidamente mudou para uma de autossatisfação.

— O departamento de cultura e relações internacionais do palácio disse-me recentemente que tiveram resultados daquele site de testes genéticos, uma das poucas correspondências fora do continente, e fiquei desconfiada. Usando as minhas formidáveis competências tecnológicas na Internet, consegui reduzir a área à América do Norte. — Likotsi fez uma pausa momentânea, como que a deliciar-se com os elogios que aí vinham. Thabiso olhou fixamente para ela, e Likotsi suspirou e continuou. — Dois países no mundo inteiro tornaram a minha busca muito mais fácil, majestade. E, talvez não tenha sido inteiramente legal, mas obtive o nome de *login* do utilizador do site de genética, tendo encontrado uma correspondência num fórum da web para *nerds*. *HeLaHoop* é bastante ativa num site chamado *GirlsWithGlasses*. *HeLaHoop*, também conhecida por Naledi Smith, Naledi Ajouja de nascimento, tem endereço IP em Nova Iorque...

Naledi Ajouja.

Thabiso começava a sentir algo mais do que inquietação: entusiasmo. Não sentia tal emoção há algum tempo. Ser educado para liderar um reino geralmente dava azo a emoções como frustração, raiva e pânico, se se importasse realmente com os seus súbditos. E Thabiso importava-se bastante. Enterrou as pontas dos dedos por baixo da mesa de massagem.

— Disse-me que tinha informações, mas não me tinha posto ao corrente deste desenvolvimento.

— Bem, não queria que ficasse com as expetativas muito altas. E, até há cinco minutos, não havia nada de novo para relatar. — Com um bater de tacões e um aceno da cabeça rapada, Likotsi começou a vangloriar-se como se estivesse a dirigir-se a toda a

corte de Thesolo. — Ela finalmente respondeu, Vossa Majestade! A correspondência matrimonial que lhe faltava! A Vossa perfeita prometida perturbada... — Thabiso deitou a mão ao tablet antes de Likotsi poder continuar com as suas horríveis tentativas de aliteração. — Príncipe...

— Chiu! — pediu Thabiso com um gesto na direção de Likotsi. Sentia a cabeça estranhamente leve e o corpo pesado.

Desde criança que ouvia histórias da sua futura noiva e dos pais malvados e egoístas que a tinham levado. Cada ama acrescentara o seu próprio ponto ao conto e algumas tinham até conjecturado sobre a sua inevitável reconciliação.

«A vontade da deusa não pode ser contrariada, meu príncipe! Não há que temer!»

Uma fotografia da cerimónia do noivado estava pendurada no palácio: dois bebés rechonchudos, vestidos com vestes de padrões brilhantes e grinaldas floridas nas cabeças. Os olhos dela irradiavam felicidade enquanto brincava com as pétalas que os rodeavam e ele olhava para ela com genuína adoração. Infelizmente, não conseguira nutrir o mesmo sentimento por nenhuma das mulheres que haviam entrado na sua vida desde então. Tivera amigas e amantes, mas ninguém que o tivesse feito sentir-se como aquela sua jovem versão embevecida, preservada para a posteridade.

A história dos dois tornara-se o seu próprio conto de fadas, ou um romance da editora *Mills & Boons*, que ele sorrateiramente surripia da biblioteca da rainha quando era adolescente. E, tal como aqueles contos de fadas, ele tirara Naledi da cabeça à medida que a realidade da idade adulta entrara em cena. No entanto, semanas antes, deparara-se novamente com aquela fotografia, e, no meio da elaboração do plano orçamental, das maquinações dos ministros e da pressão dos pais, a nostalgia instalara-se dentro de si como uma fissura. Surpreendera-o — aquela infantil esperança desesperada era pouco própria de um descendente dos guerreiros Moshoeshoe. Mas estava lá, ainda assim. E a única maneira de

conseguir livrar-se de uma esperança tão tonta era extingui-la para sempre. Precisava de a encontrar antes de atingir esse objetivo, e agora Likotsi conseguira tal desiderato.

Seria ela como uma das raparigas fúteis que os pais insistiam em apresentar-lhe — mulheres programadas como autómatos e ansiosas por provar a sua subserviência? Ou como as mulheres com quem ele comia e bebia quando viajava, tão cegas pela proximidade do poder que nunca notaram que havia um príncipe sob a coroa?

O teu objetivo era livrares-te desta fraqueza, não te entregares a ela. Se ela for uma idiota, tanto melhor.

— Vossa Alteza — disse Likotsi, indicando o tablet com a mão e sinalizando que o desejava de volta. — Lamento, mas na minha euforia não consegui transmitir que a resposta não foi a ideal. Acredito que os pais a tenham envenenado contra Vossa Alteza. Não pode haver outra explicação para esta resposta grosseira às minhas mensagens perfeitamente educadas.

— Hum.

Thabiso passou o polegar sobre o ecrã e as palavras da sua prometida saltaram-lhe à vista.

«VAI À MERDA.»

Não conseguiu controlar o sorriso que lhe empurrou as bochechas para cima, e a gargalhada que se seguiu foi ridícula. A realeza não se devia rir como uma hiena saída de uma história do mato; o professor de postura repreendê-lo-ia. Mas, ao ler as palavras em voz alta, riu-se até as lágrimas lhe brotarem dos olhos e ficarem presas na barba.

Em criança, imaginava Naledi numa qualquer torre distante, cativa de um feiticeiro malévolo. Imaginava que precisava de ser salva e que seria ele a fazê-lo.

«VAI À MERDA.»

Ah, não, Naledi não precisava mesmo nada da sua ajuda.

— Príncipe? — O mocassim de Likotsi estava a bater outra vez no chão. — Não sei o que o levou a esta tentativa de encontrar

a Vossa prometida, mas, agora que ela respondeu, como deseja proceder, à luz deste... contratempo?

O nariz de Likotsi franziu-se como se lhe tivesse cheirado a papas de milho queimadas. Não fazia mal, porque Thabiso sempre gostara da parte torrada das papas de milho; talvez por ser uma das poucas imperfeições que haviam sobrevivido aos muitos filtros de qualidade que rodeavam o único príncipe herdeiro do reino.

— Parece que esta Naledi pode ter valido a espera. Gostava de a conhecer. Já. — Likotsi olhou de relance pela janela do jato e depois de volta para Thabiso. — Bem, não espero que a convoque para se encontrar comigo a nove mil metros de altitude — disse Thabiso. — Quando aterrarmos em Nova Iorque, quero que ma tragam imediatamente.

Likotsi arqueou as sobrancelhas.

— Bem, nos Estados Unidos isso seria considerado rapto. Vossa Alteza está, de facto, protegido por imunidade diplomática, mas talvez pudéssemos guardar essa prerrogativa para um assunto mais importante. Podemos pedir-lhe que venha falar consigo, mas, dada esta resposta, não tenho a certeza de que ela aquiesça.

Uma irritação pouco familiar apoderou-se de Thabiso. Desejava algo, e não era garantido que o obtivesse. De facto, era uma sensação rara, o que lhe aguçou ainda mais o desejo.

— Muito bem. Nesse caso, irei eu ter com ela.

Likotsi engoliu em seco, mas, quando Thabiso olhou para ela, já conseguira refrear a expressão, modelando-a para uma aceitação suave.

— O que Vossa Alteza achar por bem — disse ela. — Ainda não tenho o endereço da sua residência, mas creio ter localizado o emprego. Parece que talvez seja — mais rugas no nariz — empregada de mesa. A que vida a irreflexão dos pais a condenou! Em Thesolo, teria tido uma vida de luxo! As suas mãos seriam suaves e macias como...

— Likotsi!

Ela encolheu-se e endireitou a gravata.

— As minhas desculpas.

— Disse que a conseguia localizar; faça-o. Precisava de uma distração nesta viagem e creio que a encontrei.

— Sim, Vossa Alteza.

Thabiso sentou-se imóvel sobre a mesa de massagem, tendo já esquecido qualquer relaxamento que o trabalho de Melinda lhe tivesse proporcionado. Os músculos estavam tensos de antecipação... e receio? Não, não era isso. Era a mesma sensação que ele tinha antes de fazer um discurso importante ou de ter de tomar uma decisão que teria impacto no seu povo durante gerações.

— Estou nervoso — murmurou para consigo.

Há muito tempo que a sua vida não era mais do que uma série de deveres entediantes — até uma ida ocasional a um novo clube elegante ou uma saída com uma estrela de Hollywood se haviam tornado apenas mais uma parte do seu trabalho. Não estava tão nervoso por causa de uma mulher desde a primeira vez que fizera amor, mas pelo menos nessa altura tinha *alguma* ideia do que esperar. Já Naledi era um mistério, e talvez um erro. Ser um bom príncipe implicava evitar erros a todo o custo, mas desta vez...

Não esperava um «felizes para sempre», como nos romances da sua juventude. Esperava empolgação, e parecia que era exatamente isso que Naledi lhe poderia assegurar.



Entre a pós-graduação e os seus vários empregos, Naledi Smith não tem tempo para contos de fadas... ou paciência para os e-mails que anda a receber que dizem que ela é a noiva prometida de um príncipe africano. Tendo sido adotada em pequena, cedo aprendeu que as únicas coisas com que podia contar eram ela própria e a ciência, e uns e-mails disparatados não irão convencê-la do contrário.

O Príncipe Thabiso é o único herdeiro do reino de Thesolo, pelo que o seu casamento está no topo da lista de prioridades dos pais e do seu povo. Sempre obediente e cumpridor, Thabiso consegue localizar em Nova Iorque a sua noiva desaparecida há anos, e está determinado a levá-la de volta para Thesolo. Ao abordá-la, porém, Naledi confunde-o com um simples empregado, e Thabiso não resiste à oportunidade de experimentar a vida, e o amor, sem o peso da sua coroa.

A química entre ambos é instantânea e irresistível, e uma amizade com um pequeno *flirt* à mistura depressa evolui para noites apaixonadas. Mas, quando a verdade é revelada, poderá uma princesa em teoria tornar-se uma princesa real e viver feliz para sempre?

«O melhor romance que li nos últimos tempos,
com deliciosos pormenores, sobretudo quando
a cena passa de Nova Iorque para África.»

Mary Jo Murphy, *The New York Times*

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-564-848-1



9 789895 648481

Ficção romântica